



SESSÃO TEMÁTICA Nº 24 - INOVAÇÕES SOCIAIS E EXPERIMENTAÇÕES DEMOCRÁTICAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS

HIBRIDISMO CULTURAL E NOVOS ARRANJOS INSTITUCIONAIS: RESISTÊNCIA DA CONGADA NA FESTA DE SÃO BENEDITO EM MACHADO-MG

Caroline de Paula Fernandes Lima Papparidis /UNIFAL-MG
Luiz Antonio Staub Mafra/UNIFAL-MG

Resumo:

Canclini (2008) compreende o hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Para o autor, a hibridação se dá pela criatividade individual e coletiva, não sendo algo planejado, podendo ser resultado de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio. A Festa de São Benedito, realizada na cidade de Machado há mais de 100 anos teve sua origem marcada por manifestações culturais de matriz afro brasileira e incorporou novos atores sociais na sua trajetória. Embora em seu início, segundo relatos históricos, fosse fruto de um esforço da comunidade negra, ao ganhar maior notoriedade no município, a festa passa a ser institucionalizada e gerida pela paróquia da cidade, associação dos congadeiros, prefeitura e os comerciantes. Considerando a complexidade do evento, buscou-se analisá-lo pela perspectiva do hibridismo cultural. Para isso, realizou-se uma pesquisa não experimental, em sua vertente qualitativa, cujos dados foram obtidos por meio de pesquisa bibliográfica, realização de entrevistas semiestruturadas e pesquisa de campo, bem como analisados através de análise de conteúdo. A complexa teia de relações e a evolução da festa permitiu perceber que o evento nas suas configurações atuais é fruto de um hibridismo que se deu entre os atores e que contribuiu para a sua manutenção até os dias atuais. Além das interações socioculturais, esse processo de hibridismo também produziu um novo arranjo institucional onde os diversos atores se articulam em papéis definidos burocraticamente e os interesses passam também pela gestão do patrimônio imaterial e das relações de poder consolidadas no território.

Palavras-chave: Hibridismo, festas populares, arranjos institucionais.

INTRODUÇÃO

As festas populares são fruto de um fazer coletivo, estando presentes nos diferentes tipos de comunidades, contribuindo para a construção da identidade e cultura nacionais e inserindo-se como expressão dinâmica da cultura popular (LANTERNARI, 1987 apud CAPONERO, 2009).

A Festa de São Benedito (FSB), realizada há 105 anos (em 2019), na cidade de Machado no sul de Minas Gerais, guarda desde sua origem uma tradição da cultura afro-brasileira. Embora as congadas fossem consideradas profanas pela igreja católica, a FSB foi mantida e animada por elas, cuja herança cultural foi preservada por meio da transmissão intergeracional de conhecimento (DOSSIÊ, 2010).

Assim, para a manutenção da tradição da festa, foram repassadas, geração após geração, os conhecimentos sobre as práticas e rituais, assim como um conjunto de valores e significados, cujos membros dos grupos de congadas assumem o compromisso de mantê-los e, ainda mais, repassá-los para as próximas gerações. No entanto, o processo de preservação cultural sofreu os impactos das transformações sociais, as quais impuseram novos desafios e conflitos com os valores da modernidade.

Percebe-se que ao longo dos anos o evento foi se tornando mais complexo e com várias nuances e diferentes interações sociais. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar o hidridismo cultural e as transformações que resultaram em um novo arranjo institucional na gestão da festa, tendo como foco a resistência das congadas, as quais deram origem ao evento e que, ainda hoje, é central para a sua manutenção.

Para a concretização da presente pesquisa, foi utilizada uma abordagem não experimental, em sua vertente qualitativa, tendo a pesquisa sido realizada na cidade Machado-MG, no período de março de 2017 até fevereiro de 2018, ou seja, antes, durante e depois da Festa de São Benedito de 2017, que aconteceu entre os dias 18 a 29 de agosto.

Para a coleta de dados, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e exploratória, além de entrevistas semiestruturadas com os principais grupos envolvidos no evento e observação não participante. Para proceder o tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Laurence Bardin (BARDIN, 2011).

Hibridismo cultural: festas populares, estratégias e resistência

Para Canclini (2008), cujo foco do trabalho é estudar o hibridismo como fruto do diálogo entre a cultura indígena com a das elites, o termo hibridação é considerado mais apropriado para tratar de fusões entre culturas de bairro e midiáticas, músicas locais e transnacionais, modos de consumo de gerações distintas, servindo para nomear combinações de elementos étnicos ou religiosos, bem como a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais pré-modernos ou pós-modernos.

Canclini (2008) entende a hibridação/hibridismo como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O autor acredita que, geralmente, a hibridação se dá pela criatividade individual e coletiva, não sendo algo planejado, podendo ser resultado de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio.

Entretanto, ainda que Canclini (2008) considere que o multiculturalismo permita a interação entre diferentes culturas, ele reconhece que a integração e fusão entre as culturas pode não ser fácil, pois podem emergir conflitos e contradições que impeçam a hibridação. O autor entende necessárias políticas de hibridação para que haja o combate à guerra entre culturas, visando uma tolerância cultural. Para ele, o fenômeno contribui tanto com a sobrevivência da cultura indígena e popular, quanto com a modernização da cultura de elite.

Diferentemente, em Bhabha (2010), o estudo do hibridismo cultural se dá pelo viés do conflito entre colonizador e colonizado, onde por meio da ironia, o colonizado impõe sua cultura à autoridade do colonizador. Desse conflito é que nasce o hibridismo, que não significa necessariamente a sua resolução. Assim, o hibridismo é algo consciente e até mesmo uma forma de o colonizado manter resquícios de sua cultura inseridos na cultura do colonizador, através da mistura entre elas.

Para o autor, o hibridismo não resolve a tensão entre duas culturas, mas se constitui em um processo de resistência. O hibridismo é fruto de um problema de representação que busca reverter os efeitos da recusa colonialista, a fim de que o que se nega, se infiltre no discurso dominante e torne estranha a base de autoridade (BHABHA, 2010).

Burke (2003) sugere que o termo hibridismo, remete à ideia de processos naturais e, nesse sentido, a hibridização seria um fenômeno inconsciente. Segundo o autor, devemos entender as formas híbridas como resultado de vários encontros e não apenas como resultado de um único

encontro. Ele reconhece que o significado de hibridismo varia caso a caso, entretanto, ele o divide em três tipos, ou também chamados três processos de hibridização: artefatos híbridos, práticas híbridas e povos híbridos.

Os processos de hibridização podem ser encontrados tanto na esfera econômica, como na social e política. Às vezes, a troca cultural não se constitui em simples enriquecimento, caso em que o preço da hibridização, principalmente quando é rápida, resulta na perda de tradições regionais de raízes locais. Por outro lado, toda inovação é uma forma de adaptação e o ponto positivo de tais processos de encontros culturais é o encorajamento da criatividade. O mesmo autor entende que, na maioria das vezes, o hibridismo é um processo e não um estado (BURKE, 2003).

As práticas híbridas “podem ser identificadas na religião, na música, na linguagem, no esporte, nas festividades e alhures” (BURKE, 2003, p. 28), ou seja, práticas que permeadas por duas ou mais culturas ganharam sua forma peculiar.

Essa mistura ocorreu também nas festas populares brasileiras, que em sua maioria, não nasceu no país, tendo sido trazidas pelos colonizadores, durante o período da colônia, os quais utilizaram as festas como um instrumento de inserção dos portugueses, de catequização dos índios e negros, além de meio de entretenimento. Nesse sentido, estando no Brasil, todos adicionaram às festas seus símbolos, enriquecendo-as, haja vista que para se moldarem a realidade multicultural brasileira, as festas importadas tiveram que passar por grandes transformações, tanto em suas formas, como nos seus significados (AMARAL, 1998).

Assim, as festas ainda que importadas, tomaram características do Brasil e de seu povo, e este, por sua vez, contém características de várias culturas diferentes, pois uma vez que as festas populares são feitas em sua grande maioria com a presença da comunidade, cada indivíduo dá sua contribuição e transmite nela seus próprios valores e crenças, acrescentando significados e colaborando na construção e/ou modificação do sentimento coletivo. É nesse sentido que a festa se caracteriza tanto como promotora, quanto como consequência do hibridismo cultural.

Além de aglutinadora de vários aspectos sociais, as festas são fruto de um fazer coletivo, pois demandam esforço da comunidade envolvida, demonstrando sua força coletiva e, ao mesmo tempo, traz prazer aos envolvidos (OLIVEIRA, 2008). Nesse sentido, elas podem formar um elo identitário entre pessoas e grupos distintos, permitindo a manutenção ou criação de novas culturas, símbolos e identidades, uma vez que permitem a vivência de novas formas de sociabilidade e relações com o mundo, sendo necessárias contribuições coletivas para a sua preservação (SILVA,

2012).

Segundo Amaral (1998) a comunidade reinventa suas festas de acordo com as novas condições de vida, que são fruto de novos contextos econômicos e sociais. Assim como um fenômeno híbrido, para a autora, as festas são a mediação entre o inconciliável, por exemplo, entre o sagrado e o profano, estabelecendo uma linguagem possível para diálogos diferentes.

Assim, entende-se que as festas populares são palco para abrigar diversas culturas que podem se mediar e, além disso, podem se transformar e se reconfigurar ao longo dos anos de acordo com os contextos sociais que encontram. A tradição realça a resistência cultural das festas, que se mantêm ao longo dos anos, o que não quer dizer que sejam puras e imutáveis, pois a própria noção de hibridismo cultural é um caminho para a manutenção da cultura entre as gerações.

Nesse sentido é que as festas populares, ao mesmo tempo que resistem, são formas de hibridismo cultural. Assim, pode-se relacionar o hibridismo cultural com a FSB, haja vista que o seu surgimento se deu pela interação entre duas culturas distintas e que, inclusive, no início existiam separadamente, além de outras mudanças na sua estrutura que foram, ao longo dos anos, alterando sua configuração.

Dessa maneira, reconhece-se que os patrimônios culturais imateriais são dinâmicos e, por isso, também são híbridos. Ademais, parte-se do pressuposto que não exista no contexto das festas populares brasileiras uma cultura pura e portanto, o hibridismo é tido como processo de interação e mediação cultural, que acarreta na modificação ou produção de novas culturas. Esse processo não é necessariamente pacífico, reconhecendo que existem processos de luta para a resistência cultural que acabam ressignificando os modos de fazer, ser e agir.

Além disso, para as festas tradicionais populares se manterem ao longo dos anos, elas demandam a participação de diferentes pessoas em diferentes épocas e que buscam, através de sua própria criatividade e sentimento, resgatar o antigo e expressar no presente um sentimento coletivo que é constantemente recriado pela sociedade com o passar dos anos.

Metodologia

Para a concretização da presente pesquisa, foi utilizada uma abordagem não experimental, em sua vertente qualitativa, que abrange várias estratégias de investigação e busca a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva do investigador.

A pesquisa foi realizada na cidade Machado-MG, no período de março de 2017 até fevereiro de 2018, ou seja, antes, durante e depois da Festa de São Benedito de 2017, que aconteceu entre os dias 18 a 29 de agosto.

Foram utilizados, dentro do campo de investigação qualitativa, para coleta dos dados, a pesquisa bibliográfica e exploratória. A pesquisa exploratória possui como principal objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos ou ideias. Ela é desenvolvida buscando atingir uma visão geral, de tipo aproximativo, de um fato delimitado (GIL, 2010).

Quanto a coleta de documentos para análise, na presente pesquisa foram utilizados livros escritos por moradores locais, revistas sobre a Festa de São Benedito e sobre as Congadas, documentos diversos da Casa da Cultura de Machado, o Dossiê, formulado para a requisição de tombamento do evento, documentos públicos municipais, bem como jornais que fizeram a cobertura da festa.

Além disso, foi realizada coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas. Foram realizadas entrevistas com os principais grupos envolvidos no evento, quais sejam, Associação dos Congadeiros, representada pelo seu presidente; Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, representada pelo seu pároco administrador; poder executivo municipal, representado pelo secretário de cultura do ano de 2017; comerciantes da praça de alimentação, tendo sido entrevistado quatro deles; além de participantes aleatórios que contribuíram de alguma forma durante o evento.

Complementarmente, foi realizada uma pesquisa, através de entrevistas semiestruturadas e coleta de documentos, com as escolas que possuam projetos que incentivem a participação dos alunos na festa, tais como a congada mirim.

Para proceder o tratamento dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011), a qual aplicou as técnicas da análise de conteúdo na investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massas.

A Festa de São Benedito em Machado

Segundo Rebello (2006), a FSB surgiu com grupos de congadeiros que dançavam o congo na “Gramma”, um local da cidade, ao redor de um cruzeiro, onde a Irmandade do Rosário construiu uma capela e celebravam sua festa. Em 1923, após algumas mudanças no seu local de realização, a festa teria sido transferida para o local atual, mudando seu nome de Festa do Rosário para Festa de São Benedito. Com o passar dos anos, a Paróquia assumiu o controle e organização da FSB.

Entretanto, embora seja evidente a grande ligação entre o surgimento da FSB e as congadas, elas foram por muito tempo excluídas da festividade, pela igreja católica. Assim, as congadas possuíam uma programação externa à festa, sendo celebradas nos três dias posteriores à programação religiosa (ARAÚJO, 2014). Foi só em 1965, com uma reorganização e promoção de inovações no evento, por parte do Cônego Walter Maria Pulcinelli, que elas foram integradas no seio da festividade.

Segundo Gonçalves e Reis (1979), a festa é uma tradição de muitos anos e que vem resistindo ao longo do tempo apesar das grandes limitações e dos escassos recursos disponíveis, alertando para a necessidade de um maior apoio e incentivo ao congado.

De acordo com o Dossiê da Festa de São Benedito (2010), atualmente a festa é comemorada na segunda quinzena do mês de agosto e possui duração de doze dias, sendo nove dias destinados à novena e outros três dias destinados às Congadas.

As celebrações religiosas da Festa de São Benedito compõem a alvorada; novena; missa festiva; procissão; proclamação dos festeiros do ano seguinte; e, a troca solene das coroas dos festeiros.

Mas quando se trata da Festa de São Benedito é difícil separar a religião da congada, uma vez que a própria origem da congada na cidade de Machado, segundo entrevista do Rei Perpétuo das Congadas, Joaquim Santana, se confunde com a religião, tendo em vista que a congada surgiu devido ao aparecimento de uma santa aos escravos (DOSSIÊ, 2010).

No que se refere a programação cultural, ou seja, programação das congadas, segundo o Dossiê da Festa de São Benedito (2010), ela se compõe de abertura da tenda do congo; subida do mastro; prêmio congada; bumba meu boi; moçambique; reinado: subida do Reinado; e, o dia do congo, marcado pela Premiação dos Ternos de Congada pela Associação dos Congadeiros, descida do Mastro e Bandeira do São Benedito que marca o encerramento da festa.

Além da questão religiosa e folclórica, a festa conta com as barraquinhas de alimentação e a feira de vendedores ambulantes, que tomam a Praça de São Benedito e suas adjacências.

Quanto às barracas, consideradas parte indispensável no evento, não é possível precisar a data de seu surgimento, mas é provável que as primeiras barracas de alimentação tenham surgido em 1914 (DOSSIÊ, 2010). Segundo Gonçalves e Reis (1979, p. 29), “o evento envolve toda a comunidade: festeiros; vigário; fazendeiros, que facilitam a participação de seus colonos; barraqueiros; Rei Congo e todos os figurantes do Reinado; prefeito; polícia; proprietários das linhas de ônibus, que viabilizam rotas para à festa; e, comerciantes”.

Inicialmente, as barracas e aluguel do espaço público onde é realizada a festa eram organizados pela paróquia, por meio de particulares, que por muitos anos alugaram o espaço público para as barracas de alimentação, na praça de São Benedito, bem como para as barracas do comércio de vendedores ambulantes, na rua Ayrton Rodrigues (REBELLO, 2006).

Com o processo de crescimento e modernização da FSB observa-se ainda alguns tipos de discriminações e dificuldades para a participação dos congadeiros. Uma das dificuldades são as despesas que possuem para apresentarem-se na festa (tais como roupas, alimentação, transporte, aluguel, etc), tendo sido relatado nas entrevistas que todos os anos os congadeiros percebem prejuízos com os custos para a saída dos ternos. Entretanto, mesmo com as despesas para a realização do evento, eles mantêm a sua presença através de suas apresentações e trabalhos na organização do evento e também no decorrer do ano com os preparativos e ensaios.

Entretanto, insatisfeitos com a forma e exclusão de sua participação na organização da festividade, os congadeiros buscaram uma participação mais ativa no gerenciamento da festa e na sua distribuição de renda. Após reivindicações da Associação dos Congadeiros pleiteando maior participação no evento, foi assinado o Instrumento Particular de Avenças entre a Associação dos Congadeiros e a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, em 15 de junho de 2000 (DOSSIÊ, 2010). Tal documento foi assinado após mais de 80 anos de existência da festa e ele definiu as competências para a organização da mesma, definindo direitos e responsabilidades a cada ator envolvido.

Embora cada ator institucionalizado tenha seu papel fundamental na elaboração da festividade, não se pode esquecer que população machadense em geral, em muito contribui para que a tradicional festa aconteça. Existem colaborações de todos os tipos, existem aquelas pessoas que colaboram com as instituições, como voluntárias, a partir da doação de roupas, dinheiro, brindes para as instituições ou para os congadeiros; existem também aquelas que contribuem durante o evento, isoladas de qualquer instituição.

O Instrumento Particular de Avenças, que buscou pacificar o conflito acerca do gerenciamento da festa, foi fruto de várias reuniões na sede da associação, que culminaram na assinatura do supracitado documento. Para os congadeiros, a assinatura do Instrumento Particular de Avenças representa o resgate de um antigo sonho (DOSSIÊ, 2010).

Assim, o instrumento definiu direitos e responsabilidades das partes. As cláusulas 2ª, 3ª e 4ª, estipulam, respectivamente:

Convencionam as partes que, para estimular a cultura, o folclore e as tradições

das congadas em nossa cidade, caberá a Casa dos Congadeiros a receita proveniente dos valores pagos pelos barraqueiros, bem como a organização, instalação e responsabilidade das barracas na época da festa.

Com o intuito de prestar colaboração à realização da festa de São Benedito, a Casa dos Congadeiros compromete-se, neste ato, a construir a barraca com que se realiza o jogo do bingo na festa e a barraca onde fica a Polícia Militar, sempre respeitando a forma tradicional de construção dessas barracas nos anos anteriores, mas atendendo às modificações necessárias e especificadas pelos festeiros.

A Casa dos Congadeiros compromete-se por si e por seus integrantes a não realizar, nos quatro meses que antecedem à festa, qualquer promoção que implique na distribuição ou sorteio de prêmios, como rifas, bingos, etc, ou mesmo lista de doações ou pedidos de qualquer espécie (DOSSIÊ, 2010, p. 26-27).

Por outro lado, fica configurada como responsabilidade da Paróquia algumas despesas com a realização da festa, conforme pode ser percebido na cláusula 5ª:

Estabelecem as partes que os festeiros e a Paróquia, para a realização da festa e durante a mesma, não terão despesas com segurança, congadas e congadeiros, inclusive com relação ao fornecimento da alimentação, roupas, materiais diversos, etc, que ficarão por conta da Casa dos Congadeiros. As despesas com fogos de artifícios, transporte e alimentação da Banda da Alvorada, serão de responsabilidade da Paróquia e dos festeiros (DOSSIÊ, 2010, p. 28).

Pelo acordo, pode ser percebida uma clara divisão. Enquanto a Associação obteve o direito à receita da festa, proveniente do aluguel do espaço público, em contrapartida ela ficou com todo o trabalho de organização dessas barracas e, segundo foi relatado nas entrevistas, “até mesmo a retirada dos alvarás dos comerciantes era realizada por ela (Associação dos Congadeiros)” (EC2). Além disso, a associação ficou responsável por montar a barraca do bingo, que é utilizada unicamente pela Paróquia, para arrecadação de dinheiro para a Igreja; bem como ficou proibida de angariar qualquer fundo para sua organização nos quatro meses que antecedem a festa.

De outro lado, a Paróquia se eximiu de qualquer ajuda financeira à Associação dos Congadeiros, ficando responsável, juntamente com seus festeiros, apenas pelos fogos de artifícios, transporte e alimentação da Banda da Alvorada.

Registro de matéria de jornal destaca que, em 2004, a organização e coordenação da FSB foi passada para uma comissão organizadora. Entretanto, até então, a prefeitura não participava efetivamente na organização do evento o que mudou após o registro da festa como patrimônio

cultural imaterial, quando ela assumiu a responsabilidade legal de colaborar com a promoção do evento, o que configurou uma institucionalização formal da festa (DOSSIË, 2010).

O processo de registro foi fruto da 1ª Conferência Municipal de Cultura de Machado, realizada em 23 de outubro de 2009, na Casa da Cultura, que, segundo Araújo (2014) mobilizou toda a comunidade local e onde foi discutida a importância da cultura como construção da identidade de um povo. Entre as propostas sugeridas na conferência surgiu a de promover o registro da FSB como patrimônio cultural e imaterial da população de Machado. A partir daí, foi dado início ao trâmite burocrático para tanto e, em 20 de julho de 2010, concluiu-se o processo de registro da FSB através do Decreto n. 3.487, de 20 de julho de 2010 (ARAÚJO, 2014).

Mesmo com a institucionalização da FSB, foi apenas em 2013 que a prefeitura assumiu definitivamente a sua gestão, assumindo a responsabilidade pela organização estrutural do evento, publicando naquele ano a portaria n. 460, de 21 de junho de 2013, que instituiu uma comissão organizadora da FSB, nomeando membros de cada uma das secretarias envolvidas, um membro representando os moradores das adjacências da festa, do conselho consultivo do patrimônio histórico e artístico de Machado, da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, da polícia militar, da polícia civil, e do conselho tutelar (ARAÚJO, 2014).

Essa comissão atua em reuniões, convocadas pelo Prefeito da cidade, que se configuram em um espaço para discussão de questões que precisam ser resolvidas por todos, além de se constituir em ambiente de troca de informações e interação dessas pessoas.

Além disso, todos os anos, a prefeitura publica um decreto que dispõe sobre a realização da FSB, no ano de 2017 foi publicado o Decreto n. 5.364, de 04 de agosto de 2017, onde a Prefeitura estabeleceu medidas de higiene, segurança e proteção ambiental.

Nesse decreto, a prefeitura abrange toda a questão estrutural da festa, desde o dia e horários do evento, até mesmo as responsabilidades de cada uma das secretarias municipais para que o evento possa acontecer.

Acredita-se que o arranjo institucional que mobiliza os diversos grupos para a promoção da FSB e as atividades que cada um desses grupos mantém ao longo dos anos ajudam na manutenção do evento, bem como são fruto do processo anterior de negociação entre as partes.

Papéis e funções: novo arranjo institucional na FSB

O arranjo institucional atual, através da especificação clara de papéis e funções determina a organização do evento. Essas regras surgiram da própria comunidade, através da tradição, ou

foram determinadas através de normas ou parcerias com o poder executivo local.

Através das entrevistas, pôde ser identificado o papel dos principais grupos na realização da FSB sendo que cada um contribui com a área para qual é voltado, mas, segundo constatou-se em entrevista, também ajudam o outro a conseguir superar suas dificuldades e realizar o que lhe incumbe (E1).

[...] na maneira do possível, o que um não pode, cada um fazendo a sua parte, mas os outros dois contribuindo para ele fazer aquela parte também. Então não são três coisas independentes, mas a paróquia faz de tudo, para que tudo possa... Para que a prefeitura possa fiscalizar da forma correta, assim como a associação dos congadeiros também. Depois a congada né, tanto a prefeitura quanto a paróquia, trabalham para que possa acontecer da melhor forma, né, e a parte religiosa também. Os congadeiros e prefeitura eles oferecem todo o esforço que tem para deixar isso acontecer da melhor forma - parte religiosa (E1).

- A prefeitura - coopera com toda a infraestrutura, com a logística de funcionários, com recursos públicos né. A igreja tem a sua participação também na parte religiosa, a associação é fundamental na questão dos ternos de congada, acho que isso, os papéis a grande essência de estar permanecendo até hoje foi que os papéis são muito bem definidos né. A parte cultural, a parte religiosa, e o poder público abraçando na infraestrutura, na logística né, nesse processo de organização (E2).

É preciso fazer reuniões, e vi que foi mais fácil trabalhar com [...] do que com [...] (E3).

O papel da Paróquia está relacionado primordialmente, segundo E1, E2 e E3, sendo cada um desses entrevistados o representante de um grupo diferente, com os rituais religiosos. Porém, além disso, a Paróquia também é responsável pela organização das atividades destinadas a angariar recursos para si. Segundo E1, a contribuição da Paróquia se dá buscando manter a religiosidade da festa, sendo que toda parte religiosa fica a cargo do pároco que tem a responsabilidade de aprovar tudo o que será feito no que tange aos rituais religiosos. Assim, cabe a Paróquia organizar as missas; as novenas; promover o tradicional leilão de gado com objetivo de angariar recursos financeiros para ela própria; conduzir a alvorada; indicar os festeiros – que serão os principais voluntários da Paróquia, pedindo doações e organizando a barraca do bingo; montar a barraca do bingo e realizá-lo; realizar o sorteio do carro bem como as procissões (DOSSIÊ, 2010; E1; E2; E3).

Também é papel da paróquia, através de seus festeiros, tal como avençado no Instrumento Particular de Avenças, fornecer os fogos de artifício para serem estourados durante o evento,

fornecer condução para os congadeiros saírem tocando na alvorada, bem como fornecer o café da manhã para os congadeiros, após a alvorada (DOSSIÊ, 2010; E1; E3).

É papel da Associação dos Congadeiros a organização no que tange aos ternos de congada, participação e incentivo aos mesmos, bem como a montagem da Tenda do Congo. Além disso, cabe à Associação organizar os rituais de abertura da Tenda do Congo; subida e descida do mastro; prêmio congada (concurso de poesia); bumba meu boi; reinado e dia do congo, com a premiação dos Ternos de Congada pela Associação dos Congadeiros. A associação também cumpre com seu papel de incentivo às congadas, através de alguns de seus congadeiros que vão até as escolas que possuem congada mirim para ensinar e ensaiar as crianças voluntariamente, contribuindo para a perpetuação da cultura das congadas e a participação destas no município, sendo um fator de resistência.

O papel da associação, além de marcado culturalmente, é reforçado pelo convênio firmado juntamente a Prefeitura de Machado, uma vez que atualmente os congadeiros não mais recebem os valores arrecadados com os aluguéis do espaço público, sendo tal locação realizada pela prefeitura após a institucionalização da FSB. O objetivo do convênio, segundo a cláusula 1ª do referido documento é firmar a colaboração do Município para que a associação preste seus serviços de preservação da cultura Machadense, principalmente no que tange as congadas e à FSB.

Em decorrência do convênio é destinada à associação uma verba que serve para cobrir os custos para execução de seus trabalhos visando a preservação da cultura Machadense, e a associação deve seguir alguns trâmites burocráticos como prestar contas do recurso financeiro recebido, não efetuar nenhuma despesa antes ou depois do prazo de vigência do convênio, arquivar a documentação comprobatória das despesas pelo prazo de 5 anos, manter a conta bancária e manter em local visível na sua sede uma placa com os dizeres: A associação dos Congadeiros de Machado funciona em parceria com a Prefeitura Municipal de Machado, através de convênio (MACHADO, 2017).

Como pode-se observar, a contribuição mais efetiva da prefeitura em relação à organização da FSB se deu após o registro da festa como patrimônio cultural imaterial. Atualmente, o papel da prefeitura é cuidar da logística que envolve a promoção da FSB, a infraestrutura, tomar conta da parte administrativa, do aluguel do espaço público para as barracas, do incentivo às congadas através de parcerias com a Associação dos Congadeiros (E2).

Além disso, a prefeitura incentiva as congadas através de repasse financeiro aos ternos de congo e ajuda aos ternos das congadas mirins, fornecendo repasse em dinheiro ou disponibilizando alguns materiais como tecidos para confecção de roupas. Entretanto essa contribuição à congada mirim não é regular, conforme pôde ser constatado pelas entrevistas (EE3).

Muitas vezes ela – a prefeitura - já compra, por exemplo, ano passado ela já comprou os tecidos e mandou para nós. Nós fizemos uma listagem do que nós íamos precisar e ela mandou para nós. É isso, então, acontece de ter ano que não. Já teve ano que não, entendeu? Aí a gente, igual eu te falei, nós reciclamos, usamos outras né. Nós temos dificuldade com os instrumentos, para repor esses instrumentos, entendeu. São caros, né. Então aí não é todo ano que a gente tem essa ajuda, então por exemplo, as vezes eu uso assim, eu tenho a verba que vem para escola. Aí muitas vezes para compra desse instrumento a gente usa essa verba também. Então no caso esse repasse anual não é suficiente para atender todas as necessidades da escola pra sair com a congada mirim. Acaba que a escola tem que se dedicar e conseguir para poder suprir as necessidades (EE3).

Além disso a Prefeitura estabelece todos os anos a comissão organizadora da FSB, onde através de uma portaria nomeia membros para que discutam em reuniões questões pertinentes à organização do evento, bem como edita os decretos que irão regulamentar a realização do mesmo.

Dessa forma, pode-se perceber que a FSB transformou-se completamente, tanto por fatores econômicos e institucionais, como por questão de resistência e preservação, denotando o hibridismo presente no evento. A festa que surgiu e era promovida pelos congadeiros, passou a ser organizada pela igreja, teve seus criadores excluídos da festividade por muito tempo e, posteriormente, ainda incluiu o Estado na sua organização. Nesse contexto, destaca-se a resistência dos congadeiros que, em meio a tantas mudanças, não deixaram de participar e lutar pela realização do evento, visando a manutenção da tradição.

Hibridismo como estratégia de preservação e resistência

A própria origem das congadas está ligada com um processo de resistência, uma vez que a própria chegada dos escravos africanos, de diversas regiões, ao Brasil, pelos portugueses, deu origem a essa resistência que começou buscando, primeiramente, o respeito às tradições e os mitos pelos próprios filhos d'África que perceberam que, para sua sobrevivência, deveriam se aliar, unindo suas culturas com a mística da cristandade (O QUE É..., 2014).

Segundo Tinhorão (2001), no seio das irmandades, surgiram as congadas. Elas são uma cultura híbrida que contém características religiosas e africanas. Para Caponero (2009), as irmandades facilitaram a expressão cultural dos escravos, uma vez que a partir dos séculos XVIII e XIX as congadas, juntamente ao moçambique, foram incorporadas às festas religiosas e a igreja, por sua vez, com o intuito de não perder o poder sobre os negros, abriu espaço para a sua vida religiosa.

Assim, as congadas enquanto resultado de um processo de hibridização cultura, se consolida inicialmente entre as culturas africanas, com o objetivo de atingir uma unidade negra, e, posteriormente, passam a incorporar os símbolos do catolicismo, conhecidos pelos negros através do processo catequético que se inicia ainda na África, especialmente no Congo e em Angola (SOUZA, 2002).

Além disso, durante a própria FSB as congadas passaram por algumas transformações. Em entrevista à Folha Machadense (O QUE ..., 1987 apud DOSSIÊ, 2010), o mais velho capitão das congadas de Machado defendeu a colocação do uso dos instrumentos de sopro nas congadas, o que originalmente não havia. O capitão ainda argumenta: “Inventaram aqui em Machado, todo mundo gostou [...] se a congada não acompanhar os tempos, não é mais possível dançar” (O QUE ..., 1987 apud DOSSIÊ, 2010, p. 57). Assim, é reafirmada a compreensão de Canclini (2008) de que a mistura se reveste de um tipo de resistência para enfrentar os novos tempos.

Além disso, a FSB sofreu algumas mudanças ao longo dos anos que evidenciam um processo de mediação entre diferentes culturas e diferentes interesses, buscando dar continuidade ao evento.

A FSB mudou passou a ser realizada em agosto, pois havia maior fartura econômica, tendo em vista a renda da colheita de café e o fato de que os congadeiros, antigamente em sua maioria trabalhadores nas colheitas de café, teriam mais condições de participar do evento, sendo que o motivo financeiro foi o que realmente teria sido significativo para a mudança da data (GONÇALVES; REIS, 1979).

Esse tipo de mudança é apontado por Canclini (2008) como um processo de hibridização proveniente da busca em se reconverter um patrimônio para inseri-lo em novas condições de produção e mercado.

A FSB na sua configuração atual também é fruto de uma mistura entre diferentes culturas. Seu início é marcado pelos esforços principalmente, da população de cor, conforme consta no Livro do Tombo da Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio (1959 apud REBELLO, 2006),

sendo que alguns ternos de congo antigamente dançavam em frente à capela da Grama, construída por eles. Posteriormente, o local se mudou mais uma vez, sendo a festa levada para o adro da Igreja de Santa Cruz, próxima à pracinha da velha caixa d'água, na Avenida Santa Cruz. Apenas depois dessas duas mudanças ela passou a ocorrer na Praça de São Benedito, que recebeu esse nome em decorrência da construção de uma capela naquele local, onde os ternos de congada também passaram a dançar no terreiro da capela.

Após, a Igreja se apropriou da FSB, buscando arrecadar dinheiro para a paróquia e, assim, houve o domínio da igreja no evento, que detinha o poder de organização da festa naquela época e que não considerava as congadas como parte integrante. Dessa maneira, elas eram comemoradas durante três dias após a programação religiosa e eram anunciadas como Programa dos Festejos Profanos. As congadas por muito tempo, e talvez até hoje, são tidas com muito preconceito.

Apenas em 1965, o Cônego Walter Maria Pulcinelli inseriu as congadas no seio do evento. O Cônego inclusive nessa época cancelou duas outras festas no município, a de São Sebastião e a de Nossa Senhora Aparecida, com o objetivo de concentrar uma maior arrecadação em um só evento, e obteve êxito (REBELLO, 2006). Isso denota clara mudança na programação dos eventos religiosos do município para se adequar aos objetivos financeiros da igreja.

O hibridismo também ocorre a partir do momento em que uma festa tida como religiosa, administrada pela igreja, insere no seio de sua festividade a apresentação das congadas e, atualmente, as manifestações das congadas e as manifestações religiosas são consideradas um mesmo evento.

Além disso, a festa também pode ser considerada como um fenômeno híbrido por seu caráter popular, onde reúne ricos e pobres, pretos e brancos, católicos e não católicos, todos esses com suas diferentes culturas participando de um só evento, confraternizando diferentes pessoas, uma vez que as festas populares não são feitas apenas pelos grupos que a organizam, mas sim por toda a comunidade, pois os participantes são ao mesmo tempo observadores e atores do evento (CIDADE..., 1979; 1981 apud DOSSIÊ, 2010).

Ao longo dos anos, ocorreram outras mudanças na estrutura da festa para condicioná-la às novas condições de produção e de mercado. Inicialmente as barracas de alimentação eram feitas de madeira, bambu, esteira, sapé e lona, em sua maioria, havendo disputa pelos melhores lugares. No centro da praça duas grandes barracas se montavam, uma para o Leilão de Prendas e outra para o Bingo, ambas para arrecadação de dinheiro para a paróquia (GONÇALVES; REIS, 1979; ARAÚJO, 2014).

À festa foram incorporadas barraquinhas de vendedores ambulantes, instaladas ao longo da Rua Airton Rodrigues Leite, cuja data de aparecimento é impossível de se precisar, mas teriam surgido naturalmente, como parte integrante de um evento popular e seu número foi aumentando, juntamente com o crescimento da dimensão da festa, e foram tomando outras ruas adjacentes (ARAÚJO, 2014).

Houve ainda uma modernização do processo de construção tanto das barracas de alimentação, quanto das barraquinhas dos vendedores ambulantes. Agora as barracas de alimentação, localizadas na praça de São Benedito, são padronizadas, “[...] no estilo de tendas, muito utilizadas nos grandes eventos de exposições agroindustriais e comerciais [...]” (ARAÚJO, 2014, p. 31). Além disso, as barraquinhas do comércio de vendedores ambulantes também não são mais realizadas como antigamente sendo que hoje há uma grande fiscalização para adoção de lonas antichamas próprias, diferentemente do que era antigamente. A utilização de tais barracas é exigência da prefeitura, atendendo à um protocolo que visa minimizar os riscos que as antigas barracas traziam.

Outra mudança na estrutura da festa foi a colocação da Tenda do Congo, instituída em 2004 como parte do projeto: Desenvolvimento e Reestruturação da Congada de Machado e do Estado de Minas Gerais. O projeto executado pela Associação dos Congadeiros foi realizado com parceria da prefeitura municipal e patrocínio da Petrobras e Governo Federal (ARAÚJO, 2014).

A barraca contém documentos, fotos e objetos que contam a história da festa e das congadas, sendo um ponto de encontro e reencontro de congadeiros e amigos, bem como de todos os que buscam conhecer a história da FSB. A cada ano um tema é escolhido para ser tratado no interior da tenda que é aberta ao público na noite do primeiro sábado da festa. É na frente da tenda que ocorre a subida e a descida do mastro, o concurso de poesia, a premiação dos ternos de congo e apresentação dos ternos mirins (ARAÚJO, 2014).

Além disso, as mudanças nos papéis dos grupos organizadores da FSB acarretaram alterações na estrutura que também modificaram a forma de realização do evento. A partir do momento em que a prefeitura assume a organização da FSB, o processo de organização da mesma passa a ser mais burocratizado o que implicou tanto em mudanças nas formas das barracas, quanto na quantidade das barracas (EC2; E2).

Com a participação da prefeitura na organização do evento e com a assunção de sua responsabilidade para com a FSB, o cenário da festa se modificou, conforme pode-se ver pela fala do E2:

Ela surgiu do povo né, talvez o critério de resistência, a grande justificativa da resistência é essa. Ela não é uma festa de cowboy, uma festa de boiadeiro planejada, estruturada, não. Ela, hoje, ela é estruturada, mas eu falo a essência dela, o início dela, ela brotou do povo, ela brotou da comunidade de São Benedito, dos congadeiros, da igreja, do envolvimento ali né. As vezes a essência dela né, dos improvisos, né, das barracas de madeira. Se perguntasse para o meu avô, na década de 70, né, ele jamais pensaria que ali poderia dar um incêndio ali, matar várias pessoas, né, não pensou. Eles fizeram com lonas pretas né, de plástico e tal. Então, assim, a uma essência da festa, tá nisso né. Acho que a essência cultural, a essência da festa de São Benedito está nisso e ela hoje, claro está se adaptando aos novos tempos, a questão da segurança, a questão do corpo de bombeiros né, acho que tem que se adaptar mesmo (E2).

Nesse sentido, visando administrar os conflitos de espaço e de segurança, a prefeitura adotou normas a serem seguidas por todos os barraqueiros, limitou o espaço de colocação das barracas, seja na Praça de São Benedito, para tentar garantir espaço para apresentação das congadas, porém que é constantemente desrespeitado; seja nas adjacências, devido ao trânsito. Com isso, o número de barracas da festa diminuiu significativamente.

Além disso, atualmente há uma forte presença dos atores do mercado na FSB através dos patrocinadores, que oferecem dinheiro tanto para a paróquia como para os ternos de congo. No caso dos ternos de congo, os mesmos não podem ostentar em suas fardas o patrocínio das empresas. Entretanto, no que tange às barracas, há uma grande ostentação de propagandas e slogans dos patrocinadores.

A FSB está longe de ser uma festa de uma cultura pura, sendo permeada pela cultura cristã e pela cultura afro-brasileira, através das congadas que também são híbridas. Além disso, sua estrutura não permanece a mesma desde o início.

Primeiramente, ela surgiu através dos esforços da população negra, foi apropriada pela paróquia, em grande parte com objetivos financeiros, e posteriormente, quando a Associação dos Congadeiros conseguiu reivindicar algum direito na arrecadação do evento, a prefeitura a registrou como patrimônio cultural imaterial do município e passou a organizar administrativamente o evento, que teve sua estrutura alterada para se adequar às novas exigências legais de locação do espaço público, saúde, segurança e higiene.

Assim observa-se a resistência dos congadeiros que criaram a festa e que continuaram se apresentando depois que a festa foi institucionalizada pela Paróquia e continuaram lutando para que pudessem ter uma participação efetiva no evento. Mesmo com a integração da Prefeitura na organização do evento, os congadeiros permaneceram participando. A cada novo ator integrado

na festa, os congadeiros, através de sua Associação, reconfiguraram a forma de sua contribuição no evento, mas jamais deixaram de participar, resistindo até os dias atuais.

COSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de São Benedito na cidade de Machado demanda um grande fazer coletivo, sendo que os grupos mais atuantes na promoção do evento são a Paróquia Sagrada Família e Santo Antônio, a Associação dos Congadeiros e a Prefeitura Municipal. A festa que começou com os esforços da população afro descendente e que se originou das danças de congo, hoje revela uma grande estrutura que comporta outros atores da sociedade que foram incluídos no evento festivo paulatinamente e em uma sequência não necessariamente linear.

Durante os 105 anos de existência, o cenário da festa se alterou em grande parte, tendo em vista as normas de segurança impostas pelo poder público, tornando a festa mais padronizada através da montagem de barracas pré-montadas e antichamas. As formas de articulação entre os grupos também se alteraram durante os anos, tendo sido percebidas estratégias de negociação entre eles. Assim, os valores religiosos, culturais e de mercado se misturaram de tal maneira que hoje é difícil imaginar a festa sem a presença de um desses elementos.

A festa trata-se de uma cultura imaterial, sendo fruto de hibridismo cultural, o que fortaleceu a coesão entre os grupos e onde o sagrado e o profano, juntos, dão uma característica única ao evento. Mais do que uma mistura entre culturas, o hibridismo também pôde ser percebido como um fator de manutenção do evento, através da adequação do mesmo às novas realidades, buscando a sobrevivência deste patrimônio.

Pôde-se perceber que, para a manutenção da FSB, a união dos principais e já citados grupos que a promove é fundamental, porém o protagonismo dos congadeiros é percebido por diferentes fatores.

O protagonismo se dá pelo fato de que mesmo em meio a diversas dificuldades enfrentadas pelos congadeiros, desde a sua desvalorização, até as dificuldades financeiras, eles continuam mantendo a sua participação no evento, não apenas se apresentado, mas também lutando para contribuir com a sua organização e promoção, ainda que isso lhes traga prejuízo, sendo fator de resistência dessa comunidade. Outro fator de resistência desse grupo é o fato de que, com a inclusão de novos atores no evento, por necessidade, eles reconfiguram a sua forma de contribuição no mesmo, mas não nunca deixaram de participar.

Vale ressaltar que, essa resistência, além de contribuir com a manutenção das congadas, contribui com a manutenção da própria FSB. Em que pese as dificuldades na luta por sua preservação, os congadeiros contam com um fator cultural forte que é o compromisso implícito de cada um deles em promover a transmissão desta cultura para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. de C. de M. P. Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1998. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>. Acesso em: 15 maio 2017.
- ARAÚJO, R. M. S. O fermento popular: 100 anos 1912-2014: festa de São Benedito: patrimônio cultural, imaterial do povo de Machado. Machado: Gráfica Gilcav, 2014.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- BURKE, P. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: USP, 2008.
- CAPONERO, M. C. Festejando São Benedito: a congada em Ilhabela, recurso cultural brasileiro. 2009. 314 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-23082012-081734/publico/Caponero.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- CIDADE vive o apogeu da grande festa. Folha Machadense, Machado, n. 273, p. 1, ago. 1979.
- DOSSIÊ da Festa de São Benedito. Machado: Casa da Cultura de Machado-MG, 2010.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas da pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, C. C.; REIS, M. S. A festa de São Benedito em Machado- MG. 1979. Monografia (Pós-Graduação “Latu Senso”) - MEC/SESU/CAPES/DGE, 1979.
- LANTERNARI, V. Festa, Carisma, Apocalipse. Palermo: Sellerio, 1987.

MACHADO (MG). Convênio nº 17/2017 que entre si celebram o Município de Machado-MG e a Associação dos Congadeiros de Machado. Jornal Oficial do Município de Machado, Machado, ano 18, ed. 513, p. 2, 17 jul. 2017.

_____. Decreto n. 5.364, de 04 de agosto de 2017. Dispõe sobre a realização da Festa de São Benedito em 2017 e estabelece medidas de higiene, segurança e de proteção ambiental. Jornal Oficial do Município de Machado, Machado, ano 18, ed. 516, p. 1, 7 ago. 2017.

OLIVEIRA, A. J. M. de. Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

O QUE é congada. Revista Imagem & Conteúdo, Machado, n. 25, p. 20, abr./maio 2014.

REBELLO, R. M. O município do Machado até a virada do milênio: tomo 2. Machado: Gráfica Gilcav, 2006.

SILVA, S. S. Patrimonialização, cultura e desenvolvimento. Um estudo comparativo dos bens patrimoniais: mercadorias ou bens simbólicos? Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, v. 5, n. 1, p. 157-183, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/128/182>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SOUZA, M. de M. e. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. Afro-Ásia, v. 28, p. 125-146, 2002. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21046>. Acesso em: 15 maio 2017.

TINHORÃO, J. R. Cultura popular: temas e questões. São Paulo: Editora 34, 2001.